



COMPANHIA DAS LETRAS

## O CORCUNDA DE NOTRE-DAME

VICTOR HUGO nasceu em Besançon, na França, em 1802, e passou a infância em Paris. Em 1819, fundou com seus irmãos a revista *Le conservateur Littéraire* e ganhou, no mesmo ano, o concurso da Académie des Jeux Floraux. Aos vinte anos, publicou a reunião de poemas *Odes e poesias diversas*, mas foi o prefácio da peça *Cromwell* que o projetou como o principal nome do romantismo na França. O romance histórico *O corcunda de Notre-Dame* (1831) o levou a ser nomeado membro da Academia Francesa, em 1841. Eleito deputado da Segunda República em 1848, apoiou a candidatura do príncipe Luís Napoleão, porém se exilou quando este chegou ao poder três anos mais tarde, através de um golpe de Estado. Durante o Segundo Império, em oposição a Napoleão, morou em Jersey, Guernsey e Bruxelas. A partir de 1849, Victor Hugo dedicou sua obra à política, à religião e à filosofia. Depois de anos no exílio e de volta à França, foi eleito primeiro para a Assembleia Nacional e, mais tarde, para o Senado. Foi enterrado num caixão humilde no Panthéon, depois de ficar vários dias exposto sob o Arco do Triunfo.

JOHN STURROCK foi escritor, crítico e tradutor. Por mais de vinte anos, fez parte do conselho editorial da *London Review of Books*. É autor de vários livros sobre literatura francesa e latino-americana, estruturalismo e teoria da autobiografia. Foi um dos tradutores da obra de Victor Hugo e Marcel Proust para a Penguin inglesa.

EDUARDO BRANDÃO nasceu no Rio de Janeiro em 1946. Trabalhou como repórter do *Correio da Manhã* entre 1966 e 1968. A partir da década de 1970 dedicou-se à tradução de obras literárias e de ciências humanas (em especial, filosofia e

história), assim como de obras voltadas aos leitores infantojuvenis. Traduz principalmente do francês e do espanhol, com predileção pelas literaturas espanhola e hispano-americana contemporâneas. Pela Companhia das Letras traduziu *Amuleto*, 2666, *Putas assassinas*, entre outros livros de Roberto Bolaño; e *Assim começa o mal*, *Os enamoramentos*, *Quando fui mortal*, *O homem sentimental*, *Coração tão branco* e os três volumes de *Seu rosto amanhã*, do madrileno Javier Marías.

VICTOR  
HUGO

O corcunda  
de Notre-Dame

*Tradução de*  
EDUARDO BRANDÃO

*Prefácio de*  
JOHN STURROCK



---

COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2018 by Penguin-Companhia das Letras  
Copyright do prefácio © 2004 by John Sturrock

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Penguin and the associated logo and trade dress are registered and/or unregistered trademarks of Penguin Books Limited and/or Penguin Group (USA) Inc. Used with permission.

Published by Companhia das Letras in association with Penguin Group (USA) Inc.

Todos os esforços foram feitos para contatar os detentores dos direitos autorais do prefácio. A editora agradece qualquer informação relativa aos titulares.

TÍTULO ORIGINAL  
*Notre-Dame de Paris*

PREPARAÇÃO  
Silvia Massimini Felix

TRADUÇÃO DO PREFÁCIO  
Débora Landsberg

REVISÃO  
Angela das Neves  
Ana Maria Barbosa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Hugo, Victor, 1802-1885.

O corcunda de Notre-Dame / Victor Hugo ; tradução, de Eduardo Brandão ; prefácio de John Sturrock. — 1ª ed. — São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2018.

Título original: Notre-Dame de Paris.  
ISBN 978-85-8285-080-0

1. Ficção francesa I. Sturrock, John. II. Título.

18-19794

CDD-843

Índice para catálogo sistemático:  
1. Ficção : Literatura francesa 843

Maria Alice Ferreira — Bibliotecária — CRB — 8/7964

[2018]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.  
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32  
04532-002 — São Paulo — SP  
Telefone: (11) 3707-3500  
www.penguincompanhia.com.br  
www.blogdacompanhia.com.br  
www.companhiadasletras.com.br

# Sumário

Prefácio — John Sturrock	9
O CORCUNDA DE NOTRE-DAME	
Introdução	33
Nota acrescentada à oitava edição (1832)	35
LIVRO I	41
1. A grande sala	43
2. Pierre Gringoire	62
3. O senhor cardeal	74
4. Mestre Jacques Coppenole	82
5. Quasímodo	93
6. Esmeralda	102
LIVRO II	105
1. De Caribde a Cila	107
2. A Place de Grève	111
3. <i>Besos para golpes</i>	114
4. Os inconvenientes de seguir uma mulher bonita à noite pelas ruas	126
5. Continuação dos inconvenientes	131
6. A jarra quebrada	134
7. Uma noite de núpcias	156

LIVRO III	169
1. Notre-Dame	171
2. Paris vista do alto	182
LIVRO IV	211
1. As boas almas	213
2. Claude Frollo	218
3. <i>Immanis pecoris custos, immanior ipse</i>	224
4. O cachorro e seu dono	233
5. Continuação de Claude Frollo	235
6. Impopularidade	244
LIVRO V	247
1. <i>Abbas beati Martini</i>	249
2. Isto matará aquilo	263
LIVRO VI	281
1. Olhar imparcial sobre a antiga magistratura	283
2. O buraco dos ratos	296
3. História de uma torta de levedo de milho	301
4. Uma lágrima por uma gota d'água	325
5. Fim da história da torta	336
LIVRO VII	337
1. Do perigo de confiar seu segredo a uma cabra	339
2. Um padre e um filósofo são dois	357
3. Os sinos	368
4. Ἀνάγκη	371
5. Os dois homens vestidos de preto	388
6. Efeito que seis imprecações ao ar livre podem produzir	395
7. O monge fantasma	401
8. Utilidade das janelas que dão para o rio	411

LIVRO VIII	421
1. A moeda transformada em folha seca	423
2. Continuação da moeda transformada em folha seca	434
3. Fim da moeda transformada em folha seca	440
4. <i>Lasciate ogni speranza</i>	444
5. A mãe	460
6. Três corações de homem diferentemente feitos	465
LIVRO IX	485
1. Febre	487
2. Corcunda, caolho, coxo	500
3. Surdo	505
4. Argila e cristal	509
5. A chave da porta vermelha	521
6. Continuação da chave da porta vermelha	524
LIVRO X	529
1. Na Rue des Bernardins, Gringoire tem várias boas ideias seguidas	531
2. Faça-se marginal	544
3. Viva a alegria!	547
4. Um amigo desastrado	557
5. O retiro onde o sr. Luís da França diz suas orações	580
6. Espadim a passeio	616
7. Châteaupers em socorro!	618
LIVRO XI	621
1. O sapatinho	623
2. <i>La creatura bella bianco vestita</i> — Dante	661
3. O casamento de Phoebus	671
4. O casamento de Quasímodo	673
<i>Cronologia</i>	677
<i>Obras de Victor Hugo</i>	683





O corcunda  
de Notre-Dame



## Introdução

Há alguns anos, quando visitava, ou, melhor dizendo, vasculhava Notre-Dame, o autor deste livro encontrou num canto escuro de uma das torres esta palavra gravada à mão na parede:

ΑΝΑΓΚΗ<sup>1</sup>

Essas maiúsculas gregas, negras de vetustez e profundamente entalhadas na pedra, não sei que signos próprios da caligrafia gótica marcados em suas formas e atitudes, como para revelar que era uma mão da Idade Média que as escrevera ali, e sobretudo o sentido lúgubre e fatal que elas encerram, impressionaram vivamente o autor.

Ele se perguntou, procurou adivinhar qual seria a alma sofrida que não quisera abandonar este mundo sem deixar esse estigma de crime ou de desgraça na face da velha igreja.

Desde então, restauraram ou raspam a parede (já não sei qual), e a inscrição desapareceu. Porque é assim que se age há quase duzentos anos com as maravilhosas igrejas da Idade Média. As mutilações vêm de to-

1. Fatalidade, sina. [Salvo indicação contrária, esta e as demais notas chamadas por número são do tradutor.]

dos os lados, tanto de dentro como de fora. O padre as restaura, o arquiteto as raspa; depois sobrevém o povo, que as demole.

Assim, além da frágil lembrança que o autor deste livro lhe consagra aqui, não resta mais nada hoje da misteriosa palavra gravada na sombria torre de Notre-Dame, nada do destino desconhecido que ela resumia de modo tão melancólico. O homem que escreveu essa palavra naquela parede se apagou, há vários séculos, dentre as gerações; a palavra, por sua vez, se apagou do muro da igreja, a própria igreja talvez logo se apague da face da Terra.

Foi com base nessa palavra que se fez este livro.

Março de 1831

# LIVRO I



## A GRANDE SALA

Faz hoje trezentos e quarenta e oito anos, seis meses e dezenove dias que os parisienses acordaram com o barulho de todos os sinos que dobravam no tríplice recinto da Cité, da Universidade e da Cidade.

No entanto, não é um dia do qual a história tenha guardado lembrança, esse 6 de janeiro de 1482. Nada havia de notável no acontecimento que movimentava, desde a manhã, os sinos e os burgueses de Paris. Não era nem um assalto de picardos nem de borguinhões, nem um relicário levado em procissão, nem uma revolta de estudantes na vinha de Laas, nem uma entrada de “nosso mui temido amo, o senhor rei”, nem mesmo um belo enforcamento de ladrões e ladras na Justiça de Paris. Tampouco era a vinda, tão frequente no século xv, de alguma embaixada engalanada e empenachada. Havia apenas dois dias que a última cavalgada desse gênero, a dos embaixadores flamengos encarregados de concluir o casamento do delfim e de Margarida de Flandres, fizera sua entrada em Paris, para grande aborrecimento do cardeal de Bourbon, que, para agradar ao rei, tivera de mostrar-se contente com aquela rústica multidão de burgomestres flamengos e brindá-los, em seu palácio de Bourbon, com uma “mui bela moralidade, sotia<sup>1</sup> e farsa”,

1. A moralidade é um drama medieval de inspiração religiosa. Já a sotia é uma sátira de conteúdo político e social.

enquanto uma chuva fustigante encharcava à sua porta suas magníficas tapeçarias.

No dia 6 de janeiro, o que “punha em emoção todo o popular de Paris”, como diz Jehan de Troyes,<sup>2</sup> era a dupla solenidade, reunida desde tempos imemoriais, do Dia de Reis e da Festa dos Loucos.<sup>3</sup>

Nesse dia devia haver fogueiras na Place de Grève,<sup>4</sup> fincamento de mastro engalanado na capela de Braque e mistério<sup>5</sup> no Palácio da Justiça. O grito fora dado na véspera a som de trompa, nas encruzilhadas, pela gente do senhor preboste, trajando belas casacas de chamalote violeta, com grandes cruzeiras brancas no peito.

A multidão de burgueses e burguesas vinha, pois, de todas as partes desde cedo, casas e lojas fechadas, rumo a um dos três lugares mencionados. Cada qual se decidira, uns pelo mastro, outros pela fogueira, outros pelo mistério. Cumpre dizer, em elogio ao antigo bom senso dos passeantes de Paris, que a maior parte dessa multidão se dirigia à fogueira, que era totalmente adequada à estação, ou ao mistério que devia ser representado na Grande Sala do Palácio, bem coberta e fechada; e que os curiosos coincidiam em deixar o coitado do mastro mal engalanado tiritar sozinho de frio sob o céu de janeiro, no cemitério da capela de Braque.

O povo afluía sobretudo nas avenidas do Palácio da

2. Essas citações entre aspas provêm de *Histoire de Louis le Onzième* (1460-83), ou *Chronique scandaleuse*, de Jehan de Roye. (N.E.)

3. A Festa dos Loucos marcava o início do Carnaval, que na Idade Média durava dois meses.

4. Atual Place de l'Hôtel-de-Ville. Sendo *grève* sinônimo de praia, a praça assim era chamada na Idade Média por se estender até a beira do Sena.

5. Dramatização medieval dos ritos sacramentais católicos ou de trechos da Bíblia.



Justiça, pois sabia que os embaixadores flamengos, que haviam chegado dois dias antes, se propunham a assistir à representação do mistério e à eleição do papa dos loucos, que seria feita também na Grande Sala.

Nesse dia não era fácil penetrar na Grande Sala, na época reputada, porém, como o maior recinto coberto do mundo (é verdade que Sauval<sup>6</sup> ainda não medira a Grande Sala do castelo de Montargis). A praça do Palácio, apinhada de gente, oferecia aos curiosos das janelas o aspecto de um mar, em que cinco ou seis ruas, como embocaduras de rios, despejavam a cada instante novas torrentes de cabeças. As ondas dessa multidão, aumentada sem cessar, batiam nos cantos dos prédios que avançavam aqui e ali, como se fossem promontórios, na bacia irregular da praça. No centro da alta fachada gótica\* do Palácio, a grande escadaria subia e descia sem cessar por uma dupla corrente que, depois de ter quebrado sob a escalinata intermediária, se derramava em largas vagas em suas duas inclinações laterais; a grande escadaria, dizia eu, jorrava incessantemente na praça como uma cachoeira num lago. Os gritos, os risos, o pisar desses milhares de pés faziam grande barulho e clamor. De quando em quando esse clamor e esse barulho redobravam; a corrente que empurrava toda essa multidão em direção à grande escadaria refluía, se perturbava, turbilhonava. Era o

6. Henri Sauval, *Histoire et recherches des antiquités de la ville de Paris* (meados do século XVII). Trata-se de uma fonte importante de Victor Hugo para *O corcunda de Notre-Dame*. (N. E.)

\* A palavra *gótico*, no sentido em que é em geral empregada, é perfeitamente imprópria, mas perfeitamente consagrada. Nós a aceitamos, pois, e a adotamos, como todo mundo, para caracterizar a arquitetura da segunda metade da Idade Média, aquela de que a ogiva é o princípio e que sucede à arquitetura do primeiro período, de que o arco pleno é o gerador. (N. A.)

empurrão de um arqueiro ou o cavalo de um sargente<sup>7</sup> do prebostado que arremetia para restabelecer a ordem; admirável tradição que o prebostado legou ao condestablado, o condestablado ao marechalado, e o marechalado à nossa gendarmaria de Paris.

Às portas, às janelas, às lucarnas, do alto dos telhados formigavam milhares de figuras burguesas, calmas e honestas, que olhavam para o Palácio e para a multidão e não queriam mais nada; porque muitas pessoas em Paris se contentam com o espetáculo dos espectadores, e já é algo para nós deveras curioso uma muralha atrás da qual acontece alguma coisa.

Se pudesse nos ser dado, a nós, homens de 1830, nos misturar em pensamento a esses parisienses do século xv e entrar com eles, puxados, acotovelados, derrubados, nessa imensa sala do Palácio, tão estreita no dia 6 de janeiro de 1482, o espetáculo não careceria de interesse nem de charme e teríamos ao nosso redor apenas coisas tão velhas que nos pareceriam novíssimas.

Se o leitor consentir, procuraremos reviver pelo pensamento a impressão que ele sentiria conosco ao transpor o limiar dessa Grande Sala em meio a essa multidão de sobrecota, casaca e cota curta.

Primeiro o zumbido nos ouvidos, a ofuscação nos olhos. Acima de nossa cabeça uma abóbada dupla em ogiva, lambrisada com esculturas de madeira, pintada de azul, ornada com flores de lis douradas; sob nossos pés, um assoalho de mármore branco e preto alternados. A alguns passos de nós, um enorme pilar, depois outro e mais outro; ao todo sete pilares ao comprido da sala, sustentando no meio de sua largura as bases da abóbada dupla. Em torno dos quatro primeiros pilares, lojas de comerciantes, cintilantes de vidros e bijuterias; ao redor dos

7. Funcionário da Justiça encarregado de executar as decisões judiciais.

três últimos, bancos de carvalho, usados e polidos pelos calções dos litigantes e a toga dos procuradores. Em torno à sala, ao longo da alta muralha, entre as portas, entre as janelas, entre os pilares, a interminável fileira das estátuas de todos os reis da França desde Faramond; os reis ociosos,<sup>8</sup> de braços caídos e olhos baixos; os reis valentes e batalhadores, cabeça e mãos erguidas com audácia para o céu. Depois, nas longas janelas de ogivas, vitrais de mil cores; nas largas saídas da sala, ricas portas finamente esculpidas; e tudo isso — abóbadas, pilares, muralhas, alizares, lambris, portas, estátuas — coberto de alto a baixo com uma esplêndida iluminura azul e ouro, que, já um pouco desbotada na época em que a vemos, quase inteiramente desaparecera sob a poeira e as teias de aranha no ano da graça de 1549, quando Du Breul a admirava ainda, por tradição.

Imaginemos agora essa imensa sala oblonga, iluminada pela luz pálida de um dia de janeiro, invadida por uma multidão variada e barulhenta, que se estende ao longo das paredes e gira em torno dos sete pilares, e já teremos uma ideia confusa do conjunto do quadro cujos curiosos detalhes procuraremos indicar com mais precisão.

É certo que, se Ravaillac não houvesse assassinado Henrique IV, não haveria peças do processo de Ravaillac no cartório do Palácio da Justiça; não haveria cúmplices interessados em fazer as ditas peças desaparecerem; portanto, não haveria incendiários obrigados, na falta de meio melhor, a atear fogo ao cartório para queimar as peças e a atear fogo ao Palácio da Justiça para queimar o cartório; por conseguinte, não teria havido, enfim, incêndio em 1618. O velho palácio ainda estaria de pé, com sua velha Grande Sala, eu poderia dizer ao leitor: vá vê-la, e ambos seríamos assim dispensados, eu de fazer, ele

8. Apelido dado aos últimos reis merovíngios (673 a 751), sucessores de Dagoberto I.

de ler uma descrição fiel do fato. O que prova esta nova verdade: os grandes acontecimentos têm consequências incalculáveis.

É verdade que seria bem possível, primeiro, que Ravillac não tivesse cúmplices; depois, que seus cúmplices, se por acaso cúmplices houvesse, não tivessem nada a ver com o incêndio de 1618. Há duas outras explicações bastante plausíveis. Primeiro, a grande estrela inflamada, com um pé de largura, um côvado de altura, que, como todos sabem, caiu do céu sobre o Palácio no dia 7 de março depois da meia-noite. Segundo, a quadrinha de Théophile:

*Certes, ce fut un triste jeu  
Quand à Paris dame Justice,  
Pour avoir mangé trop d'épice,  
Se mit tout le palais en feu.*<sup>9</sup>

O que quer que se pense dessa tripla explicação — política, física, poética — do incêndio do Palácio da Justiça em 1618, o fato infelizmente certo é o incêndio. Resta muito pouca coisa hoje em dia, graças a essa catástrofe, graças sobretudo às diversas restaurações sucessivas que acabaram com o que ela poupou, resta bem pouca coisa dessa primeira morada dos reis da França, desse palácio, irmão mais velho do Louvre, já tão velho na época de Filipe, o Belo, que nele se buscavam vestígios dos magníficos edifícios erguidos pelo rei Roberto<sup>10</sup> e descritos por Helgaudo.<sup>11</sup> Quase tudo desapareceu. Que fim levou a câmara da chancelaria, onde são Luís “consumou seu casamento”? O jardim em que ele ministrava a justiça

9. “Do destino foi um jogo/ Que fez a Justiça azarenta,/ Por comer muita pimenta,/ Pôr todo o palácio em chamas.” Théophile de Viau.

10. Roberto II, o Piedoso (970-1031).

11. Historiador e religioso da época do rei Roberto. (N.E.)

“vestindo uma cota de chamalote, uma sobrecota de tiritana sem mangas, e de um manto de cendal negro, recostado em tapetes com Joinville”?<sup>12</sup> Onde está a câmara do imperador Sigismundo?<sup>13</sup> A de Carlos IV?<sup>14</sup> A de João Sem-Terra?<sup>15</sup> Onde está a escadaria na qual Carlos VI promulgou seu édito de graça? Onde está a laje em que Marcel<sup>16</sup> degolou, em presença do delfim, Robert de Clermont e o marechal da Champagne? O guichê onde foram laceradas as bulas do antipapa Benedito e de onde voltaram os que as haviam trazido, cobertos com a capa e a mitra por derrisão e pedindo perdão por toda Paris? E a Grande Sala, com seus dourados, seu azul, suas ogivas, suas estátuas, seus pilares, sua imensa abóbada toda recortada por esculturas? E a câmara dourada? E o leão de pedra que ficava à porta desta, cabeça baixa, cauda entre as pernas, como os leões do trono de Salomão, na atitude humilhada que convém à força diante da justiça? E as belas portas? E os belos vitrais? E as ferragens cinzeladas que desanimavam Biscornette?<sup>17</sup> E as delicadas marcenarias de Du Hancy?...<sup>18</sup> Que fez o tempo, que fizeram os homens dessas maravilhas? O que nos deram por tudo isso, por toda essa história gaulesa, por toda essa arte gótica? Os pesados arcos abatidos de De Brosse, esse ca-

12. Jean de Joinville (1224-1317), cronista francês e conselheiro de São Luís.

13. Rei dos burgúndios, século VI. (N.E.)

14. Rei da Boêmia, depois imperador (1316-78). (N.E.)

15. Rei da Inglaterra (1167-1216). (N.E.)

16. Étienne Marcel (entre 1302/10-58), preboste dos comerciantes, foi o líder da sublevação de 23 de janeiro de 1358. Robert de Clermont, marechal da Normandia e Jean de Conflans, marechal da Champagne, eram conselheiros do delfim, futuro Carlos V da França.

17. Célebre ferreiro francês.

18. Célebre carpinteiro sob o reinado de Luís XII. (N.E.)

nhestro arquiteto do portal da igreja de Saint-Gervais,<sup>19</sup> isso quanto à arte; e quanto à história, temos as lembranças tagarelas do grosso pilar, ainda ecoando os falatórios de gente como Patru.<sup>20</sup>

Não é muita coisa. Voltemos à verdadeira Grande Sala do verdadeiro velho Palácio.

As duas extremidades desse gigantesco paralelogramo estavam ocupadas: uma pela famosa mesa de mármore de um só bloco, tão comprida, larga e espessa como nunca se viu, dizem os velhos documentos dos impostos sobre produtos agrários, num estilo que teria dado apetite a Gargântua, “prancha de mármore igual ao mundo”; a outra pela capela onde Luís XI se fizera esculpir de joelhos diante da Virgem e para onde ele mandara transportar, sem se preocupar com deixar dois nichos vazios na fila das estátuas régias, as estátuas de Carlos Magno e de São Luís, dois santos que ele supunha terem forte crédito no céu como reis da França. Essa capela, nova ainda, construída havia apenas seis anos, era toda nesse gosto encantador de arquitetura delicada, de escultura maravilhosa, de fina e profunda cinzeladura que em nosso país marca o fim da era gótica e se perpetua em meados do século XVI nas fantasias feéricas da Renascença. A pequena rosácea vazada, aberta acima do portal, era, em especial, uma obra-prima de tenuidade e graça, dir-se-ia uma estrela de renda.

No meio da sala, diante da grande porta, um estrado de brocado de ouro, encostado na parede, na qual fora feita uma entrada particular por meio de uma janela do corredor da câmara dourada, havia sido construído para os enviados flamengos e as outras altas personagens convidadas para a representação do mistério.

19. De Brosse, arquiteto do século XVII, não projetou a fachada da igreja de Saint-Gervais; esta foi criada por outro arquiteto da época, Clément Métezeau. (N.E.)

20. Olivier Patru, advogado e escritor. (N.E.)

Era em cima dessa mesa de mármore que, segundo o uso, devia ser representado o mistério. Ela tinha sido preparada para isso desde a manhã; sua rica prancha de mármore, toda riscada pelos tacões dos auxiliares de justiça, suportava uma caixa, de estrutura bastante elevada, cuja superfície superior, acessível aos olhos de toda a sala, devia servir de palco, e cujo interior, mascarado por tapeçarias, devia fazer as vezes de vestiário para os personagens da peça. Uma escada, ingenuamente posta do lado de fora, devia estabelecer a comunicação entre a cena e o vestiário e emprestar seus abruptos degraus tanto às entradas como às saídas. Não havia personagem imprevisto, não havia peripécia, reviravolta que não tivesse de subir por essa escada. Inocente e venerável infância da arte e das máquinas!

Quatro sargentos do bailio do Palácio, guardas obrigatórios de todos os prazeres do povo tanto nos dias de festa como nos dias de execução, ficavam de pé nos quatro cantos da mesa de mármore.

Apenas quando soasse a décima segunda badalada do meio-dia no grande relógio do Palácio é que a peça devia começar. Era sem dúvida bem tarde para uma representação teatral; mas fora preciso acertá-la com a hora dos embaixadores.

Ora, toda aquela multidão esperava desde a manhã. Um bom número desses honestos curiosos tiritava desde a madrugada diante do grande degrau do Palácio: alguns chegavam a afirmar ter passado a noite obstruindo a grande porta para terem certeza de ser os primeiros a entrar. A multidão se adensava a todo instante e, como uma água que excede a um nível, começava a subir ao longo das paredes, a se inflar em torno dos pilares, a transbordar por sobre os entablamentos, as cornijas, os apoios das janelas, sobre todas as saliências da arquitetura, sobre todos os relevos da escultura. Também o incômodo, a impaciência, o tédio, a liberdade de um dia de cinismo e loucura, as

querelas que irrompiam a cada instante, por causa de um cotovelo pontudo ou de um sapato ferrado, o cansaço de uma longa espera, já davam, bem antes da hora em que os embaixadores deviam chegar, um tom ácido e amargo ao clamor desse povo encerrado, encaixotado, comprimido, pisoteado, sufocado. Só se ouviam queixas e imprecações contra os flamengos, o preboste dos comerciantes, o cardeal de Bourbon, o bailio de Paris, madame Margarida da Áustria, os sargentos, o frio, o calor, o mau tempo, o bispo de Paris, o papa dos loucos, os pilares, as estátuas, aquela porta fechada, aquela janela aberta; tudo isso para grande diversão dos bandos de estudantes e lacaios disseminados na massa, que misturavam a todo esse descontentamento suas impertinências e malícias, e acicatavam a alfinetadas, por assim dizer, o mau humor generalizado.

Havia, entre outros, um grupo desses alegres demônios que, depois de arrombarem as vidraças de uma janela, tinham sentado atrevidos no entablamento e daí mergulhavam sucessivamente seus olhares e suas chalaças no lado de dentro e no lado de fora, na multidão da sala e na multidão da praça. Por seus gestos de paródia, por suas risadas ruidosas, pelos chamados zombeteiros que trocavam de um extremo ao outro da sala com seus colegas, era fácil julgar que esses jovens letrados não compartilhavam o tédio e o cansaço do resto dos assistentes e que sabiam muito bem, para seu prazer particular, extrair do que tinham diante dos olhos um espetáculo que os fazia esperar pacientemente o outro.

— Pela minh'alma, é você, Joannes Frollo de Molendino! — gritava um deles a uma espécie de diabrete louro, de fisionomia bonita e maligna, agarrado nos acantos de um capitel. — Você é muito bem apelidado de Jehan du Moulin,<sup>21</sup> pois seus braços e pernas parecem quatro pás ao vento. Há quanto tempo está aqui?

21. Do Moinho. (N.E.)



— Pela misericórdia do diabo — respondeu Joannes Frollo —, faz mais de quatro horas, e espero que elas sejam contadas no meu tempo de purgatório. Ouvi os oito chantres do rei da Sicília entoarem o primeiro versículo da missa alta das sete na Sainte-Chapelle.

— Belos chantres! — replicou o outro. — E que têm a voz ainda mais pontuda do que o chapéu! Antes de celebrar uma missa para o senhor são João, o rei deveria ter se informado se o senhor são João gosta do latim salmodiado com o sotaque provençal!

— É para empregar esses malditos chantres do rei da Sicília que ele fez isso! — gritou azedamente uma velha senhora na multidão ao pé da janela. — Pensem bem! Mil libras *parisis*<sup>22</sup> por uma missa! E ainda tem mais, sobre o imposto dos peixes de mar do mercado de Paris!

— Paz, velha! — replicou um personagem gordo e grave que tapava o nariz ao lado da vendedora de peixe. — Era preciso celebrar uma boa missa. Ou a senhora queria que o rei ficasse doente?

— Falou bem, sire Gilles Lecornu, mestre peleteiro das vestes do rei! — gritou o pequeno estudante dependurado no capitel.

Uma gargalhada de todos os estudantes acolheu o infeliz nome<sup>23</sup> do coitado do peleteiro das vestes do rei.

— Lecornu! Gilles Lecornu! — diziam uns.

— *Cornutus et hirsutus*<sup>24</sup> — retomava outro.

— Eh! Sem dúvida! — prosseguia o diabrete do capitel. — Estão rindo de quê? Honrado como Gilles Lecornu, irmão do mestre Jehan Lecornu, preboste do solar do rei, filho do mestre Mahiet Lecornu, primeiro porteiro do bosque de Vincennes, todos eles burgueses de Paris, todos eles casados, de pai para filho!

22. Moeda cunhada em Paris.

23. Lecornu, o corno.

24. Cornudo e peludo. (N. E.)

A alegria redobrou. O gordo peleteiro, sem dizer uma só palavra, se esforçava para se furtar aos olhares nele fixados de todos os lados; mas suave e soprava em vão: como uma cunha que se enterra na madeira, os esforços que ele fazia só serviam para fixar mais solidamente em seus vizinhos sua larga face apoplética, roxa de despeito e cólera.

Enfim, um desses, gordo, baixote e venerável como ele, acudiu em seu socorro.

— Abominação! Estudantes que falam assim a um burguês! No meu tempo teriam sido fustigados com um feixe de varas, com o qual teriam sido queimados em seguida.

O bando inteiro explodiu numa risada.

— Eh! Quem canta essas notas? Qual é o corujão desgraçado?

— Ah, eu o reconheci — diz um —: é o mestre Andry Musnier.

— Porque ele é um dos quatro livreiros juramentados da Universidade! — diz o outro.

— Tudo é em quatro nessa biboca — gritou um terceiro —: as quatro nações, as quatro faculdades, as quatro festas, os quatro procuradores, os quatro eleitores, os quatro livreiros.

— Pois bem — replicou Jehan Frollo —, há que fazer com eles o diabo a quatro.

— Musnier, queimaremos os seus livros.

— Musnier, surraremos o seu lacaio.

— Musnier, enxovalharemos a sua mulher.

— A gorducha srta. Oudarde.

— Que é tão fresca e alegre como se fosse viúva.

— O diabo que os carregue! — grunhiu mestre Andry Musnier.

— Mestre Andry — replicou Jehan, sempre dependurado em seu capitel —, cale a boca ou eu caio na sua cabeça!

Mestre Andry ergueu os olhos, pareceu medir por um instante a altura do pilar, o peso do gaiato, multiplicou mentalmente esse peso pelo quadrado da velocidade e se calou.

Jehan, senhor do campo de batalha, prosseguiu triunfante:

— É o que farei, apesar de ser irmão de um arqui-diácono.

— Belos senhores, essa nossa gente da Universidade! Não terem sequer feito respeitar os nossos privilégios num dia como este! Enfim, há mastro e fogueira na Cidade; mistério, papa dos loucos e embaixadores flamengos na Cité; e na Universidade, nada!

— No entanto, a Place Maubert é bem grande! — retomou um dos jovens acantonados no peitoril da janela.

— Abaixo o reitor, os eleitores e os procuradores! — gritou Joannes.

— Tem que se acender uma fogueira esta noite no Champ-Gaillard — prosseguiu o outro — com os livros do mestre Andry.

— E as mesas dos escribas! — disse seu vizinho.

— E as varas dos bedéis!

— E as escarradeiras dos decanos!

— E as escrivainhas dos procuradores!

— E as arcas dos eleitores!

— E os escabelos do reitor!

— Abaixo! — o pequeno Jehan retomou o bordão. — Abaixo o mestre Andry, os bedéis e os escribas; os teólogos, os médicos e os canonistas; os procuradores, os eleitores e o reitor!

— É o fim do mundo, pois! — murmurou mestre Andry tapando os ouvidos.

— Falando no reitor, ei-lo que vai pela praça — gritou um dos da janela.

Todo mundo se virou para a praça.

— Será mesmo o nosso venerável reitor, o mestre Thi-

baut? — perguntou Jehan Frolo du Moulin, que, agarado num pilar do interior, não podia ver o que acontecia lá fora.

— Sim, sim — responderam todos os outros —, é ele sim, mestre Thibaut, o reitor.

Era de fato o reitor, acompanhado de todos os dignitários da Universidade, que iam processionalmente ao encontro da embaixada e atravessavam nesse momento a Place du Palais. Os estudantes, acotovelados na janela, os recepcionaram, ao passar, com sarcasmos e aplausos irônicos. O reitor, que ia à frente dos seus, recebeu a primeira salva; ela foi dura.

— Bom dia, senhor reitor! Eh! Bom dia!

— Como é que esse velho jogador fez para estar aqui? Largou os dados?

— Como ele trota na sua mula! Ela tem as orelhas menos compridas do que ele.

— Eh! Bom dia, senhor reitor Thibaut! *Tybalde aleator!*<sup>25</sup> Velho imbecil! Velho jogador!

— Deus que o proteja! Fez muitos seis esta noite?

— Oh, que figura caduca, azulada, sulcada e abatida pelo amor ao jogo e aos dados!

— Aonde vai assim, Thibaut, *Tybalde ad dados*,<sup>26</sup> dando as costas para a Universidade e trotando rumo à Cidade?

— Vai sem dúvida procurar uma residência na rua Thibaut do Dado — gritou Jehan du Moulin.

Todo o bando repetiu a graça com uma voz trovejante e batidas furiosas de palmas.

— Vai procurar uma residência na rua Thibaut do Dado, não é, senhor reitor, jogador da partida do diabo?

Depois foi a vez dos outros dignitários.

25. Thibaut, o jogador.

26. Thibaut dos dados.

— Abaixo os bedéis! Abaixo os *masseiros*!<sup>27</sup>

— Ei, Robin Poussepain, quem é aquele ali?

— É Gilbert de Sully, *Gilbertus de Soliaco*, chanceler do Colégio de Autun.

— Olhe, pegue o meu sapato, você está em melhor posição do que eu, e jogue na cara dele.

— *Saturnalitis mittimus ecce nuces*.<sup>28</sup>

— Abaixo os seis teólogos com as suas sobrepelizes brancas!

— Ah, são teólogos? Pensei que fossem seis gansos brancos dados à cidade pela igreja Sainte-Geneviève, em troca do feudo de Roogny.

— Abaixo os médicos!

— Abaixo as disputas cardeais e chocarreiras!

— A ti o meu chapéu, chanceler de Sainte-Geneviève! Tu me fizeste uma injustiça.

— É verdade, ele deu o meu lugar na nação da Normandia ao pequeno Ascanio Falzaspada, que é da província de Bourges, portanto italiano.

— É uma injustiça — disseram todos os estudantes. — Abaixo o chanceler de Sainte-Geneviève!

— Eh, mestre Joachim de Ladehors! Eh, Louis Dahuille! Eh, Lambert Hoctement!

— Que o diabo sufoque o procurador da nação da Alemanha!

— E os capelães da Sainte-Chapelle, com as suas túnicas cinza; *cum tunicis grisis*!

— *Seu de pellibus grisis furratis*!<sup>29</sup>

27. Funcionários que carregavam a *massa*, bastão com castão de metal precioso, e precediam altos dignitários, no caso, os da Universidade.

28. “Eis as nozes que te mandamos para as Saturnais.” Marcial, *Epigramas*, VII, 91. Durante as Saturnais romanas, havia um bombardeio de nozes.

29. Ou forradas de peles cinza.

— Olá, mestres em artes! Todas as belas capas negras!  
Todas as belas capas vermelhas!

— Isso faz um belo rabo no reitor.

— Dir-se-ia um duque de Veneza indo aos esposais  
do mar.

— Olhe, Jehan, os cônegos da igreja de Sainte-Gene-  
viève!

— Ao diabo os cônegos!

— Abade Claude Choart! Dr. Claude Choart! O se-  
nhor está procurando Marie la Giffarde?

— Ela está na Rue de Glatigny.<sup>30</sup>

— Está fazendo a cama do chefe da Guarda Real.

— Ela paga os seus quatro *deniers*; *quator denarios*.

— *Aut unum bombum*.<sup>31</sup>

— Querem que ela pague vocês conforme a cara?

— Colegas! Mestre Simon Sanguin, eleitor da Picardia,  
que vem com a sua mulher na garupa.

— *Post equitem sedet atra cura*.<sup>32</sup>

— Ousado mestre Simon!

— Bom dia, senhor eleitor!

— Boa noite, senhora eleitora!

— Sejam eles felizes por ver tudo isso — dizia, sus-  
pirando, Joannes de Molendino, sempre empoleirado nas  
folhagens de seu capitel.

Entrementes, o livreiro juramentado da Universidade,  
mestre Andry Musnier, se inclinava ao ouvido do peleteiro  
das vestes do rei, mestre Gilles Lecornu.

— Estou lhe dizendo, senhor. É o fim do mundo. Nun-  
ca se viu semelhantes extravasamentos dos estudantes; são  
as malditas invenções do século que botam tudo a perder.

30. Rua de prostituição.

31. “Ou um peido.”

32. “Atrás do cavaleiro senta-se a negra preocupação.” Horácio,  
*Odes*, III, I, 40.

As artilharias, as serpentinas,<sup>33</sup> as bombardas e, sobretudo, a impressão, essa outra praga alemã. Não há mais manuscritos, não há mais livros! A impressão mata a biblioteca. É o fim do mundo que aí vem.

— Percebo isso muito bem pelo progresso dos tecidos de veludo — diz o comerciante de peles.

Nesse momento soou o meio-dia.

Ah!... Fez toda a multidão numa só voz.

Os estudantes se calaram. Depois veio um grande rebuliço; um grande movimento de pés e cabeças; uma grande detonação geral de tosses e lenços; todos se prepararam, se posicionaram, se ergueram e se agruparam. Depois um grande silêncio; todos os pescoços ficaram espichados; todas as bocas, abertas; todos os olhares, voltados para a mesa de mármore... nada apareceu ali. Os quatro sargentos do bailio continuavam lá, rígidos e imóveis como quatro estátuas pintadas. Todos os olhos se voltaram para o estrado reservado aos enviados flamengos. A porta continuava fechada e o estrado, vazio. Aquela multidão esperava desde a manhã três coisas: meio-dia, a embaixada de Flandres, o mistério. Só o meio-dia chegara na hora.

Era demais.

Esperaram um, dois, três, cinco minutos, quinze; nada aparecia. O estrado permanecia deserto; o teatro, mudo. Entretanto, à impaciência sucedera a cólera. As palavras irritadas circulavam, ainda em voz baixa, é verdade. “O mistério! O mistério!”, murmuravam surdamente. As cabeças fermentavam. Uma tempestade, que por ora só fazia barulho, pairava na superfície dessa multidão. Foi Jehan du Moulin que produziu a primeira faísca.

— O mistério, e os flamengos que vão para o diabo! — exclamou com toda a força de seus pulmões, contorcendo-se como uma serpente em torno do capitel.

A multidão aplaudiu.

33. Peça de artilharia de pequeno calibre e cano longo.

— O mistério — todos repetiram —, e Flandres que vá para todos os diabos!

— Queremos o mistério já — retomou o estudante —, ou sugiro que enforcemos o bailio do Palácio, à guisa de comédia e moralidade.

— Falou bem — gritou o povo. — Iniciemos o enforcamento pelos seus sargentos.

Uma grande aclamação se seguiu. Os quatro pobres coitados começavam a empalidecer e a se entreolhar. A multidão se lançava em direção a eles, e eles já viam a frágil balaustrada de madeira que os separava dela se vergar e se estufar sob a pressão da turba.

O momento era crítico.

— O saco! O saco!<sup>34</sup> — gritava-se de todas as partes.

Nesse instante, a tapeçaria do vestiário que descrevemos acima se ergueu e deu passagem a um personagem cuja simples vista deteve a turba e transformou, como por encanto, sua cólera em curiosidade.

— Silêncio! Silêncio!

O personagem, pouquíssimo seguro e tremendo com todos os seus membros, adiantou-se até a beira da mesa de mármore, com inúmeras reverências, que à medida que ele se aproximava pareciam cada vez mais genuflexões.

Entretanto, a calma se restabelecera quase por completo. Não restava nada além daquele ligeiro rumor que sempre se desprende do silêncio da multidão.

— Senhores burgueses — disse ele — e senhoras burguesas, devemos ter a honra de declamar e representar diante de sua eminência o senhor cardeal uma mui bela moralidade que tem por nome *O bom juízo da senhora Virgem Maria*. Sou eu que faço Júpiter. Sua eminência acompanha neste momento a mui honorável embaixada do senhor duque da Áustria, a qual está retida, a esta hora, ouvindo a arenga do senhor reitor da Universidade,

34. O saco que se punha na cabeça dos que seriam enforcados.



na Porte Baudets. Assim que o eminentíssimo cardeal chegar, começaremos.

Não há dúvida de que era necessária nada menos do que a intervenção de Júpiter para salvar os quatro infelizes sargentes do bailio do Palácio. Se tivéssemos a felicidade de ter inventado essa história mui verídica e, por conseguinte, de sermos responsáveis por ela diante de nossa senhora, a crítica, não seria contra nós que se poderia invocar nesse momento o preceito clássico: *nec deus intersit*.<sup>35</sup> De resto, o traje do sr. Júpiter era belíssimo, e não contribuía pouco para acalmar a multidão, atraindo toda a sua atenção. Júpiter vestia uma couraça coberta de veludo negro, com pregos dourados; na cabeça trazia um elmo ornado de botões dourados; e não fosse o ruge e a grossa barba que cobriam cada qual uma metade de seu rosto, não fosse o rolo de cartão dourado semeado de fitas, bordados e pedrarias e todo eriçado de correias de bijuteria que ele trazia na mão e no qual olhos treinados reconheciam facilmente o raio, não fossem seus pés cor de carne e envoltos em tiras, à grega, ele teria podido suportar a comparação, pela severidade de seu porte, com um arqueiro bretão da tropa do sr. de Berry.

35. “Que um deus não intervenha.” Horácio, *Arte poética*, 191-2.